

DOSSIER DE EXPOSIÇÃO

Rua Damião de Góis 200 4050-222 Porto, Portugal
mail@sala117.com +351 220 129 924 sala117.com



Empty Quarter #2
(Rub Al`khali)
Pauliana Valente Pimentel
23.11.2019 — 18.01.2020

sala117

Exposição

Em 2016 Pauliana Valente Pimentel apresentou em Lisboa, no “o - apartamento” a primeira exposição acerca da sua experiência no mundo Árabe, um trabalho que realizou no Dubai. Ela teve a oportunidade de voltar aos Emirados Árabes Unidos em 2018 para imergir mais intimamente nesta realidade, e vai agora apresentar o resultado final na Sala117, no Porto.

“Em 2015 fui convidada pela curadora Marie Loffreda para desenvolver um projecto fotográfico sobre o Dubai. O intuito foi construir uma memória visual, registando situações do quotidiano, situando a imagem fotográfica entre o documental e a poesia, num registo enraizado na tradição de Robert Frank, de William Eggleston, de Walker Evans, Stephen Shore ou Alec Soth onde a deambulação resulta numa mistura ecléctica de indivíduos, paisagens e de interiores. Visualmente o que mais me fascinou foi o lado de sonho, o lado plástico e não real que se confunde com a própria realidade. Interessou-me em particular fotografar os locais, os Emiratis e tentar tocar a forma como vivem a sua intimidade. Não consegui ficar indiferente à maneira como esta cidade dos Emirados Árabes Unidos evoluiu em tão poucos anos graças ao petróleo e comércio, brotando das areias do deserto da Arábia”.

(Pauliana Valente Pimentel, Dubai 2015)



Em *Notes on the Index*, de 1976-77, Rosalind Krauss acentuava a «ligação física» da «imagem» fotográfica ao «objeto» representado. A natureza da fotografia seria assim, e antes de mais, indicial, porque indexada desde logo ao real¹. A tese da teórica norte-americana recuperava, por sua vez, as conclusões de Charles Sanders Peirce sobre a semiótica como lógica ou nova axiologia do olhar. Segundo ele, os «signos» estão divididos em três classes distintas, isto é, o «símbolo», que projeta apenas uma «convenção» do objeto em correspondência a uma comum significação; o «ícone», que oferece uma «similitude» formal desse mesmo objeto, e o «índice», que declara uma relação, ainda representativa porém, da «presença» real desse objeto, no clarão de um aparecer que é contíguo à sua presença no espaço e no tempo². Por isso, entre o passado da referência sígnica representada e a sua revisão no presente, produz-se uma espécie de fantasmagoria associada a esse «índice», que só a «imagem» registada pelo processo da fotografia consegue desencadear.

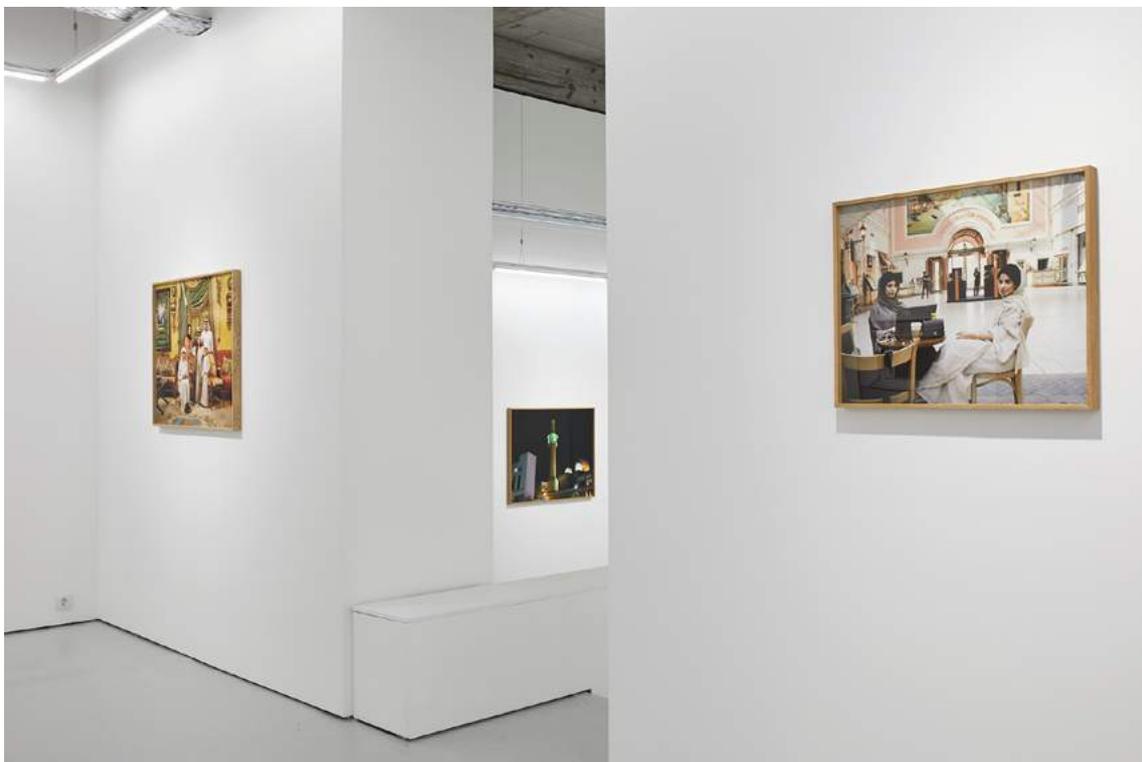


Recuperemos agora a visão sensível de Walter Benjamin: «a imagem é aquilo onde o Outrora encontra o Agora num clarão, formando uma constelação. Por outras palavras, a imagem é a dialética imobilizada. Pois enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do Outrora com o Agora é dialética: não de natureza temporal, mas imagética.»³ Deste modo identificada, entre a natureza do «índice» e o trânsito do «outrora» ao «agora», assim nascia a consciência do devir desse vaivém que nos imobiliza perante o magistério do encantamento. E, com a fotografia, todos jogamos desde os primórdios na assunção «dialética» de um novo mas poderoso imaginarium, aquele que, apesar de preso ao real desde a sua origem (resultado milenar do ímpeto mimético e figurativo que atravessa a humanidade desde o desenho das cavernas ao exercício fotográfico), promoveu, desde meados do século XIX, entre o inefável «clarão» do «outrora» no «agora» e a sua poderosa transcendência, o desenvolvimento babélico do «inferno» arquivista — afinal, o insaciável desígnio da nossa era, mantendo-nos ligados ainda hoje, cada vez mais, a uma «febre de arquivo», como assinalou Jacques Derrida em meados dos anos 90. Indexado ao real, mas livre nessa dialética entre o «outrora» e o «agora», o «clarão» que Pauliana Valente Pimentel nos oferece com a sua nova série fotográfica sobre uma temporada no Dubai, mesmo se não contraria o impulso contemporâneo de produzir mais e mais imagens, contribuindo assim para a exponenciação do nosso arquivo coletivo, recentra-nos perante



a ideia de um «outro» ainda algo impenetrável que, apesar de partilhar conosco muitos aspetos de um mundo que é hoje cada vez mais global, próximo e semelhante, se dá a ver até onde lhe é possível, a partir da sua própria e assumida distância. E nesse jogo justamente se esconde um «outro» a cada dia mais híbrido, simultaneamente estranho e familiar, sem que possa-mos falar aqui, a propósito destas imagens, de uma entrega voluntária desse «outro» árabe à observação da fotógrafa. A ausência de uma comunhão mais forte e essencial a este processo de trabalho percebe-se na frustração aqui e ali dessa intensidade que Pauliana persegue junto das pessoas que com ela se cruzam e que desta vez a obrigaram a um exercício suplementar de contorno sobre o real, arrancando mesmo assim alguns gestos de genuína disponibilidade momentânea. Depois da Grécia, do Cáucaso ou de Cabo Verde, onde a verdade de uma entrega se sublimou na produção de conjuntos, ou «constelações», de intenso diálogo e partilha mútua, o Dubai revelou -se um desafio maior e, na série restrita que agora se expõe, Pauliana encontrou, paradoxalmente, maior





solidez e promessa de significação nas entranhas de um real físico e quase inanimado, no foco sobre o pormenor de inesperadas ligações entre objetos, circunstâncias de uma temporalidade efémera ou referências paisagísticas — no deserto ou na cidade nova —, que operam uma subtil mas igualmente encantatória relação entre o visível administrado pela oficialidade política e social do Dubai e as surpresas de uma atmosfera quase inusitada, desenhada por quem vem de uma outra realidade e possui um olhar fotográfico em parte inspirado por outras referências culturais mas que, apesar dos contrastes facilmente identificáveis, as pretende cruzar com essa dimensão local de uma forma produtiva e eficaz do ponto de vista de uma alteridade possível, alcançada por esse imaginário que só a fotografia consegue aprofundar. Ora, será essa mesma dança visual, par a par — onde o paradoxo se exhibe e manifesta como um exótico hesitante ou transformado —, a conduzir o projeto mais recente de Pauliana Valente Pimentel. A artista investe desta vez muito mais no registo e na atenção aos cruzamentos que a realidade produz perante



a distração humana ou a incapacidade de reconhecimento desses projetos megalómanos que prometem o domínio absoluto da natureza e do acaso, sem darem conta de como estes se manifestam a cada esquina, a cada disrupção ou força ancestral da própria vida. Enleando-se no desígnio do desconhecido, ao pular entre a sua expressão social ou étnica e o fulgor da significação das mais insuspeitas relações, marcadas por gestos e experiências quotidianas, furando nos interstícios da casualidade os espectros sempre ocasionais da beleza e do poder que nos rodeia sem darmos conta, Pauliana supera a barreira do humano, da natureza figural ou do seu olhar direto (ainda que uma das mais fortes imagens desta série assim o reassuma), para se entregar com máxima disponibilidade ao exercício de identificação dessa poética dos lugares e dos seus vestígios de humanidade ou descontrolo. Entre a imagem que no Ocidente temos de um lugar pujante mas algo alegórico ou barroco no seu jorro de riquismo petrolífero, e o imaginário que Pauliana aprofundou nos recantos inauditos dessa região reside a força destas imagens, isto é, a sua particular interculturalidade, o seu protocolo imagético. Aí podemos encontrar o lugar desse crescimento desenfreado mas paradoxal, onde a força da natureza (em particular, o deserto) e a ocidentalização da cidade continuam a ampliar um efeito de estranhamento e contraste, enquanto espécie de laboratório de um tardo-capitalismo que ostenta sem pudor o seu magistério global. Subsiste porém, desse modo, o ponto focal ou a distância que nos condiciona mas impele, ao mesmo tempo, a uma leitura do «outro», sabendo todos, uns e outros, cada qual à sua maneira, como é desses encontros e desencontros que se fazem as relações entre as pessoas, entre os povos e as culturas. E ainda, desse modo próprio, aquilo a que chamamos o arquivo ou a memória da humanidade.

¹ Rosalind Krauss, «Notes on the Index. Seventies Art in Almerica», in *October*, n.º3 (inver-no, 1976-77), Cambridge, Massachusetts, MIT Press, 1983, pp. 68-81.

² Cf. Charles Sanders Peirce, «Logic as Semiotic: The Theory of Signs», in *Philosophic Writings of Peirce*, Nova Iorque, Dover Publications, 1955.

³ Cf. Walter Benjamin, *Paris, capitale du XIX Siècle. Le Livre des Passages*. 3.ª ed. Traduzido do alemão por Jean Lacoste. Paris: Éditions du Cerf, 2000.



Nota biográfica da artista

1975. Lisboa.

Como artista visual e fotógrafa freelancer, faz trabalhos de foto-reportagem desde 1999 para diversos jornais e revistas como exposições individuais e colectivas em Portugal e no Estrangeiro — Espanha, Itália, Inglaterra, Alemanha, Grécia, Turquia, EUA, China, Marrocos e Cabo Verde. Em 2005, participou no curso de fotografia do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística. Pertenceu ao colectivo [Kameraphoto] desde 2006 até à sua extinção em 2014. Em 2016 funda o colectivo N'WE. Em 2009 foi publicado o seu primeiro livro de autora "VOL I", pela editora Pierre von Kleist, "Caucase, Souvenirs de Voyage", pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2011, em 2018 "Quel Pedra" pela Camera Infinita e em 2019, "Narcisismo das Pequenas Diferenças" pelo Arquivo Municipal da Camera de Lisboa. Realizou também diversos filmes: "Diz-se que Portugal é um bom país para se viver", 40', Portugal 2011; "Youth of Athens", 13'. Athens, Greece, 2012; "Entre Nous", 51'. Portugal, França, 2014. Em 2015 recebeu o prémio de Artes Visuais, do melhor trabalho fotográfico do ano, "The Passenger" pela Sociedade Portuguesa de Autores. Em 2016 foi nomeada para o Prémio "NOVO BANCO Photo", pela série "The Behaviour of Being", tendo apresentado "Quel Pedra" no Museu Berardo. Esteve durante cinco anos representada na Galeria 3+1 Arte Contemporânea e sete anos pela Galeria das Salgadeiras, em Lisboa. Actualmente colabora com a galeria sala117. Parte da sua obra pertence a colecionadores privados e institucionais, tais como Fundação Calouste Gulbenkian, Partex, Fundação EDP e Novo Banco.

Eventos

CONVERSA 11.janeiro.2020 17:00

A sala117 irá promover uma visita seguida de conversa entre a artista e David Santos. A entrada é livre, sujeita à lotação do espaço.

Ficha técnica

EVENTO Exposição individual
NOME DA EXPOSIÇÃO Empty Quarter #2 (Rub Al`Khali)
ARTISTAS Pauliana Valente Pimentel
ÁREAS ARTÍSTICAS Fotografia
INAUGURA 23 de novembro de 2019 às 18:00
PATENTE ATÉ 18 de janeiro de 2020
GALERIA sala117
MORADA Rua Damião de Góis 200, 4050-222 Porto
HORÁRIO terça a sábado, das 15:00 às 19:00
ENTRADA Livre
CONTACTOS +351 220 129 924; +351 919 728 080
EMAIL mail@sala117.com
SITE sala117.com
REDES SOCIAIS FACEBOOK /galeriasala117 INSTAGRAM /galeriasala117

DIRECTORA ARTÍSTICA Olinda Magalhães
ASSISTENTE Adrian Conde Novoa
DESIGN GRÁFICO Black Unicorns
FOTOGRAFIA—VISTAS DE EXPOSIÇÃO Filipe Braga

Visita de imprensa

A artista está disponível para apresentar a exposição por contacto telefónico e/ou visita à exposição em data e hora a combinar.

PARA MAIS INFORMAÇÕES

TELEFONE +351 220 129 924
TELEMÓVEL +919 728 080
EMAIL mail@sala117.com